



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES (ICHCA)
CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

COLETÂNEA DE CRÔNICAS: “EU VENHO LÁ DO SERTÃO E POSSO NÃO LHE
AGRADAR”

ORIENTADOR (A): Mercia Sylvianne Rodrigues Pimentel

ALUNA (O): Maria Yasmin Evangelista Silva

MACEIÓ - AL
2025

MARIA YASMIN EVANGELISTA SILVA

**COLETÂNEA DE CRÔNICAS: “EU VENHO LÁ DO SERTÃO E POSSO NÃO LHE
AGRADAR”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Jornalismo, da Universidade
Federal de Alagoas (UFAL) – Campus A. C.
Simões, como requisito parcial para obtenção
do grau de Bacharela em Jornalismo.

Orientador (a): Profa. Dra. Mercia Pimentel

**MACEIÓ - AL
2025**

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- S586c Silva, Maria Yasmin Evangelista.
Coletânea de crônicas : “eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar” /
Maria Yasmin Evangelista Silva. – 2025.
18 f. : il.
- Orientadora: Mercia Pimentel.
Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade
Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes.
Maceió, 2025.
- Bibliografia: f. 18.
1. Crônicas. 2. Sertão na literatura. 3. Jornalismo. I. Título.

CDU: 070:82-94

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA YASMIN EVANGELISTA SILVA

**COLETÂNEA DE CRÔNICAS: “EU VENHO LÁ DO SERTÃO E POSSO NÃO LHE
AGRADAR”**

Relatório Técnico submetido ao corpo docente
da Universidade Federal de Alagoas (Ufal),
como requisito para obtenção do grau de
Bacharela em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA:

[Inserir aqui o nome da (o) examinador (a), precedido de titulação, caso haja]

[Inserir aqui o nome da (o) examinador (a), precedido de titulação, caso haja]

[Inserir aqui o nome da (o) examinador (a), precedido de titulação, caso haja]

AGRADECIMENTOS

De tudo que compõe este trabalho, dar seguimento nestas linhas é a parte mais difícil; não há palavras para expressar toda a minha gratidão por todos que, de forma direta ou indireta, participaram deste sonho. Ter com quem contar, pedir ajuda e direcionamento é uma sorte com a qual fui agraciada. Por isso, agradeço a Deus por me permitir chegar até aqui, amparada pelos meus.

Aos meus pais, Ana Claudia e Denis Julio: conseguimos. Juntos. Obrigada por todo apoio. Mesmo desejando um caminho mais tradicional para a minha área profissional, perceberam que meu lugar era aqui, no Jornalismo, e vibraram com cada conquista como se fossem deles também. Mesmo em meio às dificuldades, nunca mediram esforços para que meus sonhos se tornassem realidade. A vocês, que foram a ponte para a realização deste sonho, minha eterna gratidão.

Ao meu irmão, Yan Julio, meu amor mais incondicional, gratidão por me ensinar que tudo fica melhor quando é compartilhado. Desde que você chegou, nunca mais me senti só. Essa conquista é para você saber que é possível sonhar e realizar — sempre estarei aqui para você. Obrigada por me defender, me acolher e ser alívio durante esta jornada.

Às minhas avós, Maria José e Maria Evangelista: além de herdar seus nomes, herdei o amor mais puro e generoso que recebi na vida. Vocês são sinônimo de força e coragem. Aos meus avôs, José Julio (in memoriam) e Gerônimo, obrigada por sempre acreditarem em mim. Tenho orgulho de ser a primeira neta de vocês a se formar em uma federal; essa conquista devo aos seus esforços em me dar, por meio dos meus pais, as oportunidades que lhes foram negadas. Agradeço também aos meus muitos tios e primos, que são extensão de todo esse amor e encorajamento que recebi.

Agradeço aos meus anjos protetores na Terra, Neta e Hercílio, por, em toda a vida, zelarem por mim como se eu fosse filha de vocês. Nunca serei capaz de agradecer por todo amor, apoio, cuidado e atenção que me deram. Vocês foram essenciais em toda a minha vida. Essa conquista também é para vocês.

Durante este percurso longe da minha família, outras pessoas também foram igualmente importantes, com quem compartilhei não só alegrias e conquistas, mas também

todas as angústias vividas. Daniel — você foi o maior presente que a Universidade Federal de Alagoas poderia me dar; obrigada pela sua amizade —, Amanda, Bianca, Dessica, Eduarda e Tácylla, obrigada por estarem presentes, apoiarem, incentivarem e pelas idas aos hospitais. Agradeço também a alguns amigos que não citei aqui, mas que sabem de sua devida importância em minha vida.

Agora, agradeço a quem me capacitou desde sempre até aqui: meus professores. Em especial, à professora que me alfabetizou, na Escola Pequeno Príncipe, Giselia Nery (Tia Nega): você me deu dignidade ao me ensinar a ler e escrever meu nome. Agradeço também à professora Madalena Curaçá, que, durante o ensino fundamental e médio, me apresentou à literatura brasileira e incentivou o amadurecimento do sonho de me tornar jornalista. Madá, agora entendo suas broncas. Agradeço também aos meus docentes de Jornalismo e Relações Públicas — vocês fizeram toda a diferença. Por fim, e não menos importante, agradeço à minha orientadora, Mércia Pimentel, por ter guiado esta fase final. No início da graduação, você disse que via potencial na minha escrita — frase que voltou a repetir ao começar as correções deste trabalho. Ao acreditar no meu potencial, você facilitou este processo.

Que seja o início de muito mais.

Para meus pais que muito trabalharam sob o sol do Sertão para que eu pudesse me formar na sombra da capital. Conseguimos.

Mainha, Painho e Yanzinho; amo vocês do fundo do mar.

RESUMO

Este trabalho tem como proposta a criação de um caderno de crônicas jornalísticas-literárias que retratam o cotidiano e a cultura do sertão alagoano a partir da memória afetiva, da oralidade e da vivência de seus personagens. A escolha pelo gênero crônica partiu do desejo de valorizar histórias de sertanejos comuns, explorando um formato narrativo pouco utilizado no ambiente escolar e frequentemente negligenciado pelo mercado da comunicação. Inspiradas por músicas, lembranças e elementos da cultura nordestina, as crônicas presentes neste projeto mesclam observação pessoal e fantasia para construir retratos sensíveis e autênticos da região semiárida. Além de destacar o potencial do jornalismo opinativo como ferramenta de expressão cultural, o trabalho busca celebrar a riqueza simbólica e afetiva das vozes populares, contribuindo para a preservação e valorização da identidade nordestina.

RESUMO EM INGLÊS

This work aims to create a notebook of journalistic-literary chronicles that depict the daily life and culture of the Alagoan backlands, drawing on affective memory, oral tradition, and the lived experiences of its characters. The choice of the chronicle genre stems from a desire to value the stories of ordinary backlands dwellers, exploring a narrative form that is rarely used in schools and often overlooked by the communications industry. Inspired by music, memories, and elements of Northeastern culture, the chronicles in this project blend personal observation with elements of fantasy to construct sensitive and authentic portrayals of the semi-arid region. In addition to highlighting the potential of opinion journalism as a tool for cultural expression, this work seeks to celebrate the symbolic and emotional richness of popular voices, contributing to the preservation and appreciation of Northeastern identity.

Palavras-chaves: Crônicas, sertão, jornalismo, Nordeste.

Palavras-chaves em inglês: Chronicles, backlands, journalism, Northeast

SUMÁRIO

1. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	8
2. OBJETIVOS.....	9
3. PESQUISAS REALIZADAS.....	10
4. PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	12
5. RESULTADOS.....	17
REFERÊNCIAS.....	18

1. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Cada um de nós traz consigo um repertório de vivências e acontecimentos que marcam nossas vidas, o que chamamos de memórias. Seja nas interações do ambiente profissional, nos momentos de lazer ou nos temas que ecoam nos meios de comunicação, essas experiências ganham vida quando as compartilhamos com outros ou as transcrevemos em palavras.

Para o trabalho mais importante da minha graduação, optei pelo caderno de crônicas pelo desejo de falar do cotidiano de sertanejos, afinal, o “ponto de vista” é uma das engrenagens que movimenta a cultura. Cada personagem se tornou uma janela para o passado, presente e futuro dos sertões que existem por aí; as vivências compartilhadas comigo ao longo do projeto trouxeram à tona suas lutas, amores, conquistas e despedidas.

Segundo Gazola, Meireles e Teodoro (2011), a crônica moderna gira em torno dos acontecimentos da atualidade, o cronista traz a sua observação e deixa traços de sua própria escrita, a fim de compartilhar com o público o seu pensamento de acordo com aquele acontecimento, com o objetivo de manter vivo o interesse do seu público convertendo a crônica em algo almejado pelos leitores.

Este projeto se propõe a adentrar no universo da memória afetiva e da fantasia entrelaçada à região semiárida, no contexto específico de histórias que me foram contadas. A escolha pelas crônicas se dá com o propósito deste produto, que é explorar um gênero pouco utilizado em salas de aula. Além disso, busca preencher uma lacuna produzida pelo mercado da comunicação, que raramente oferece espaço para o jornalismo opinativo, reservando-o apenas para indivíduos considerados referência na sociedade ou para aqueles com um entendimento político aprofundado.

Este trabalho vem para celebrar as pessoas simples e suas histórias. Ao escrever essas crônicas inspiradas nessa expressão cultural que me acompanha no dia a dia, utilizei músicas e lembranças como ponto de partida, incorporando elementos do ritmo, das letras e do espírito festivo desse povo. Isso cria uma atmosfera única e autenticamente nordestina, permitindo ao leitor mergulhar na cultura e na vida do meu amado sertão alagoano.

2. OBJETIVOS

Objetivo geral:

Apresentar uma compilação jornalístico-literária de crônicas que retratam o universo sertanejo e a cultura do forró, identificando as manifestações culturais, os personagens e os elementos simbólicos presentes, e refletindo sobre a maneira como esses relatos contribuem para a preservação e a difusão da identidade nordestina, com ênfase nas influências musicais e nas tradições populares.

Objetivos específicos:

- Identificar os elementos culturais e tradicionais do sertão e do forró presentes nas crônicas, como a literatura retrata as tradições, os costumes e os valores típicos dessas culturas e como são descritos nas narrativas;
- Empregar regionalismos, expressões populares e figuras de linguagem, para entender como a escrita reflete o ambiente e a cultura sertaneja;
- Produzir crônicas que reflitam sobre o papel do forró e do sertão na construção e na preservação da identidade nordestina, tanto na literatura quanto na música;
- Experimentar a difusão desse trabalho entre os meios de comunicação, buscando a transmissão do conteúdo por meio físico ou virtual (ebook).

3. PESQUISAS REALIZADAS

No dia a dia de um jornalista, sua escrita não deve ser feita de forma engessada e monótona, para atingir o máximo de público possível. O sociólogo francês, Pierre Bourdieu, afirma que “os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (Bourdieu, 1997, p. 25).

A crônica jornalística diverge da notícia, pois não se concentra em fatos objetivos e atuais, a crônica permite que o autor dê seu toque pessoal na produção e seja vista como uma forma expressiva da literatura no jornalismo.

A crônica é, primordialmente, um texto escrito para ser publicado no jornal. Este, como se sabe, é um veículo de informação diário, e, portanto, veicula textos efêmeros. Um texto publicado no jornal de ontem dificilmente receberá atenção por parte dos leitores hoje. O mesmo tende a acontecer com a crônica. (Cossari, p.2, 2004)

No Brasil, a crônica surgiu em meados do século XIX por meio de produções que eram inseridas nos rodapés de jornais da época. Nessa época, escritores como Machado de Assis e João do Rio contribuíram para o desenvolvimento do gênero, criando crônicas que mesclavam observações do cotidiano com reflexões sobre a sociedade, textos curtos sobre eventos e assuntos contemporâneos.

Segundo Sá (1985, p. 85), o leitor do jornal caracteriza-se por ser mais apressado, enquanto que o leitor do livro é mais seletivo e reflexivo. Entretanto, quem consolidou a crônica foi o jornal impresso, conforme José Marques de Melo e Yolanda Tuzino.

O berço da crônica brasileira é o jornal impresso. Aqui ela foi desenvolvida pelos cronistas de modo tão singular que, além de não existir texto com características similares no âmbito internacional, passou a ser apontada como uma criação genuinamente brasileira. (Tuzino, p.2, 2009)

A literatura brasileira sempre abordou temas diversos, e o regionalismo se destaca como um dos aspectos mais significativos, especialmente na representação do sertão, como demonstram autores como Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, e Graciliano Ramos, em obras como *Vidas Secas*, que evidenciam as particularidades culturais, sociais e geográficas desta região. A inspiração para a escolha da crônica veio de Ariano Suassuna, renomado escritor e um dos grandes defensores da cultura nordestina. Suas

crônicas oferecem uma visão única e apaixonada sobre o Nordeste e suas tradições, além de refletirem seu estilo literário marcante e sua profunda compreensão da cultura popular brasileira.

Um exemplo de seu trabalho com crônicas pode ser encontrado em seu livro *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, que é uma mistura de romance, crônica e teatro. Nesse livro, Suassuna utiliza a crônica como um meio de reflexão sobre a cultura e a história nordestina, inserindo elementos característicos de sua narrativa colorida.

A série de crônicas do nosso caderno traz histórias do cotidiano, em especial sobre o clima e os desafios do sertão, as festas populares (como os festejos de santos padroeiros), as relações familiares, as lendas, mitos sertanejos e as tradições locais.

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO

Este trabalho começou há anos, quando em uma aula de Literatura, ainda na escola, minha professora da disciplina citou Euclides da Cunha, que escreveu: “O sertanejo é antes de tudo um forte”. Foi o suficiente para plantar a ideia de um trabalho que buscasse refletir a profunda conexão afetiva e cultural do povo sertanejo com o Sertão, cenário presentemente abordado nas crônicas produzidas. Mais do que um relatório acadêmico, este trabalho representa a materialização de um sonho, pautado no desejo de dar visibilidade às histórias e vivências do sertão alagoano.

Partimos da compreensão de que nossas origens não são nossos destinos finais, mas constituem um ponto de partida essencial para a construção do conhecimento. Assim, a abordagem metodológica escolhida prioriza a escrita jornalístico-literária das crônicas sob uma perspectiva etnográfica e cultural, valorizando o contexto social, histórico e afetivo em que essas narrativas se inserem. Este percurso visa não apenas documentar, mas também celebrar a identidade, a memória e a riqueza simbólica do povo sertanejo.

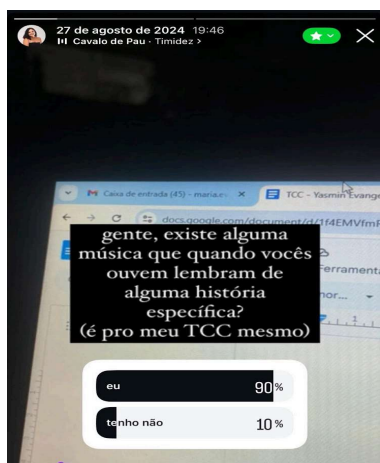
O processo de produção textual se estendeu por mais de um ano, um período em que trabalhamos arduamente para selecionar cuidadosamente os textos que entrariam na coletânea. Ao todo, foram mais de cinquenta pessoas entrevistadas de forma direta e indireta; a fim buscar informações relevantes que encorpariam as crônicas de forma satisfatória.

Além disso, conciliar a rotina de trabalho, vida pessoal e produção do TCC não foi fácil. No meio tempo, passei por um processo de luto, de alguém que sonhava em vê-lo pronto, seguido de um período de recuperação após um procedimento cirúrgico ao qual fui submetida. Porém, toda a execução desse trabalho foi um processo de amadurecimento do meu olhar jornalístico, pois foi preciso enxergar além do que era me dito para poder escrever e eternizar as histórias. Após escrever uma gama de opções de crônicas para apresentar para minha orientadora, uma amiga avaliou e questionou: “Como alguém que já viveu tanta coisa, não fez uma crônica sobre si em seu próprio trabalho?”. Ela estava certa, não era justo que nesse trabalho tão significativo, não tivesse algo sobre mim; e esse foi um dos pontos mais enriquecedores desta jornada: olhar para trás e poder reconhecer que minha trajetória até aqui também renderia uma história impactante. Ao longo das entrevistas, muitos personagens disseram não saber que suas vivências seriam capazes de virar algo a mais. Eu também não sabia. Nós, como seres pensantes e individualistas, não percebemos como somos carentes de sermos vistos e ouvidos; creio que o jornalismo existe para preencher essa carência.

A observação das pessoas ao meu redor foi o pontapé que eu precisava para começar a produção textual, tendo como fontes principais familiares que visitavam várias memórias de seus passados, lendas urbanas, histórias de amores que não deram certo, entre outras narrativas.

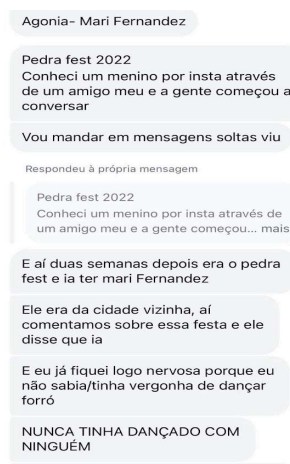
Outro ponto importante da produção textual foi abordar amigos e colegas por meio das redes sociais, onde abri uma caixinha de perguntas questionando se eles teriam alguma história para contar (**Figura 1 e 2**). A intenção era trazer às histórias vozes de diferentes gerações, mas que todos tivessem algo em comum: que fossem sertanejos. Inicialmente, achei que dessa forma seria a mais proveitosa para me ajudar a montar o projeto, mas algumas histórias não tinham força significativa que rendesse uma boa produção. Precisei fazer uma curadoria das que mais renderia, essa fase me mostrou a importância da investigação, cuidado, sensibilidade e o olhar apurado que um jornalista deve ter ao se deparar com uma história que será contada.

Figura 1- Coletando possíveis entrevistados nas redes sociais



Fonte: Instagram Yasmin Evangelista, 2024.

Figura 2- Entrevista que rendeu uma crônica



– Fonte: Instagram Yasmin Evangelista, 2024.

Depois que comecei a escrita das primeiras produções, a maior dificuldade foi lidar com os bloqueios criativos que surgiram no caminho. Quando precisava retomar o foco, fazia sessões de leituras, dos mais variados gêneros, que fossem ambientadas em locais semelhantes às minhas crônicas. Autores como Ariano Suassuna, Socorro Acioli, João Cabral de Melo Neto e Jorge Amado foram condutores importantes pelas inúmeras retomadas que tive.

Além de selecionar os personagens pilares, sentimos a necessidade de fazer uma pesquisa de campo, pesquisa essa que não se limitava a números, gráficos e tabelas. Foi um processo de revisitação a vários municípios do sertão alagoano, um processo que exigiu tempo e que serviu como base para a criação de cenários, criados através de memórias e experiências. Para isso, municípios significativos foram visitados: Delmiro Gouveia - outrora chamado de Povoado da Pedra -, Olho D'água das Flores e Batalha (**Figura 3**), sendo os principais.

Figura 3 - Serrinha da Igreja, ponto turístico tradicional no município de Batalha



Fonte: Acervo pessoal

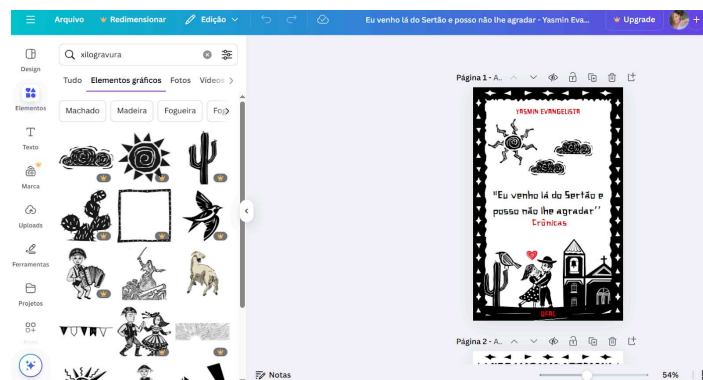
Texto pronto, partimos para a diagramação. Desde o início já tínhamos definido que a produção do material carregaria consigo aspectos regionais presentes no Sertão e prezamos pela xilogravura (xilon significa madeira e grafó é gravar ou escrever). Assim, a madeira é entalhada com a ajuda de um instrumento cortante dando origem a uma figura ou forma que vira um modelo do que se pretende imprimir.

Apesar da origem dessa técnica ser chinesa, ela se popularizou no Nordeste brasileiro juntamente com o gênero de cordel. No século XX, boa parte da população não sabia nem ler ou escrever, o cordel era a única forma das pessoas se informarem, uma vez que ele começou sua tradição de forma oral. Quando os cordéis começaram a ser publicados em papel, nos anos 1930 e 1940, a xilogravura começou a ser inserida de fato nas obras nordestinas. Entre os alagoanos produtores da técnica destacamos Enéas Tavares, Luiz Natividade, João Gomes de Sá e João Martins, na preservação desta arte no estado.

Ao adotar essa linguagem visual, buscamos não apenas resgatar uma tradição popular de profunda relevância histórica, mas também criar uma ponte estética entre o texto e o imaginário cultural do sertão. A força visual da xilogravura dialoga diretamente com o espírito das crônicas, ampliando sua potência narrativa e evocando o cenário árido, vibrante e cheio de vida que caracteriza a região.

A última etapa da produção jornalística foi a decisão do formato e diagramação, que durou em torno de vinte dias. A diagramação foi feita por mim utilizando a plataforma Canva, uma ferramenta mais versátil e intuitiva que permite a criação de materiais visuais, possuindo um bom acervo de elementos gráficos em formato de xilogravura (**Figura 4**), o que de certa forma foi uma ajuda na confecção.

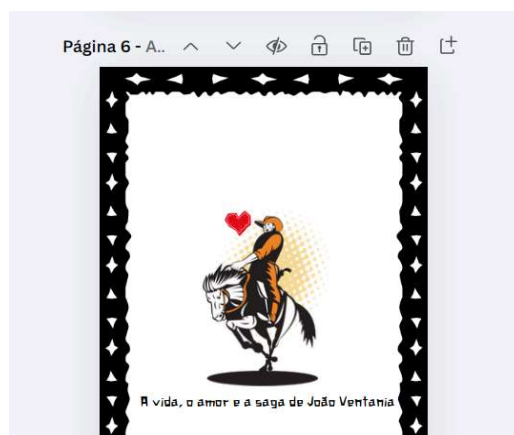
Figura 4 - Elementos gráficos em xilogravura que serviram como identidade visual



Fonte: Print Canva

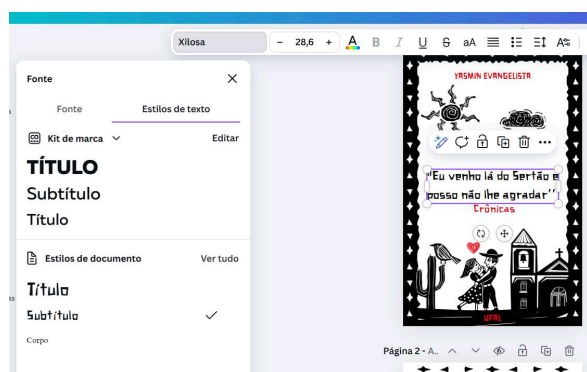
Durante a diagramação surgiu a ideia de acrescentar a cada início de crônica um elemento em xilogravura que representasse a história a ser contada (**Figura 5**), o que enriqueceu o trabalho. Até a escolha da tipografia foi significativa e identitária (**Figura 6**), a escolha pela fonte Xilosa nos títulos para ficar com essa marca forte e característica das usadas em folhetos de Cordel.

Figura 5 - Elementos gráficos em cada capa de crônica



Fonte: Print Canva

Figura 6 - Tipografia



Fonte: Print Canva

A escolha do Canva proporcionou flexibilidade na manipulação de elementos gráficos, facilitando a expressão visual desejada. Com o fim de todas essas etapas, a coletânea de crônicas “Eu venho lá do Sertão e posso não lhe agradar” foi finalizada.

5. RESULTADOS

No caderno de crônicas, a união do jornalismo com a literatura predominou, mas a realidade esteve sempre presente no jornalismo. Durante a produção, tive uma preocupação latente de contar essas histórias da forma como me foram relatadas. Para chegar na coletânea final, foi um longo processo de escrita e reflexão, mas destaco a necessidade de me despir dos meus conceitos, das minhas anotações e das minhas impressões, para que cada história fosse fechada da forma mais digna possível.

O resultado desse ano de produção foi muito além de um produto de 66 páginas com 12 crônicas, foi a realização de um sonho sonhado por muita gente e confiado em mim para ser realizado. Com certeza, o ponto final digno da minha graduação. Enriquecedor, apesar de todos os percalços, pois foi construído de forma independente, com a responsabilidade de entregar um trabalho maduro e identitário para outros sertanejos como eu.

Agora, ao concluir este trabalho, reconheço que, junto aos demais gêneros jornalísticos explorados ao longo da formação, ele contribuiu para a criação de mais um espaço de escuta na comunicação social. Além disso, representou um impulso ao gênero crônica — uma vertente do jornalismo opinativo ainda pouco explorada nos meios de comunicação em Alagoas.

Sonhar e realizar este trabalho foi gratificante, sobretudo dar vida eterna para tantos personagens queridos que agregaram neste ciclo tão feliz. Só de chegar até aqui, creio que este projeto será lido e acrescentará esperança em outras Marias que venham do Sertão.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

COSSARI, P. H. O cotidiano representado na crônica jornalística. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL – CELSUL, 6., 2004. Anais [...]. [S. l.: s. n.], 2004. v. único. p. 172.

GAZOLA, Fernanda; MEIRELES, Maurício; TEODORO, Maria. Compreensão de crônicas: construção de inferências. *E-Hum*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 42–66, 2011. Disponível em: <[inserir link aqui, se houver]>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

TUZINO, Y. M. M. Crônica: uma intersecção entre o jornalismo e literatura. *BOCC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, v. 2009, p. 1–17, 2009.

ANEXO/APÊNDICE

ANEXO - de outra autoria divergente do autor do trabalho

APÊNDICE - de autoria do autor do trabalho, como entrevistas, pautas etc